

**AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS: UNIDADES LEXICAIS METAFÓRICAS
SOB A PERSPECTIVA SEMÂNTICA
IDIOMATIC EXPRESSIONS: METAPHORIC LEXICAL UNITS UNDER THE
PERSPECTIVE OF SEMANTICS**

Camila Maria Corrêa Rocha¹

Instituto Federal Catarinense (IFC)

cacamilaca27@yahoo.com.br

Resumo

O conceito de Semântica, introduzido por Michel Bréal, em 1883, surgiu da observação de que, ao lado da Fonética e da Morfologia, havia uma ciência do significado lexical. Entretanto, após esta descoberta, surgiram dificuldades na sistematização do léxico, ou seja, as tentativas em estruturá-lo, no âmbito dos estudos linguísticos, foram, em geral, incompletas e inconsistentes, devido à sua natureza transitória, uma vez que o léxico encontra-se em constante movimento, o que dificulta sua delimitação e sistematização. Por outro lado, apesar desta transitoriedade e conseqüente dificuldade de organização, admitiu-se que o léxico é o aspecto lingüístico que mais reflete as mudanças socioeconômicas e culturais de um povo. Além do reconhecimento do seu potencial comunicativo, os estudos semânticos, que inicialmente estavam voltados para as palavras isoladas, também observaram que a linguagem coloquial é composta de expressões idiomáticas (EIs), criações linguísticas de origem popular que se cristalizam na linguagem cotidiana como um registro informal. Postula-se que as EIs são unidades lexicais constituídas essencialmente pela metáfora (ainda que outras figuras de linguagem possam atuar em sua constituição), o que se pretende confirmar no presente estudo.

Palavras-chave: Expressões idiomáticas; Metáfora; Semântica.

¹ Instituto Federal Catarinense (IFC). Doutorado em Estudos Linguísticos (UNESP). Brusque, Brasil, cacamilaca27@yahoo.com.br

Abstract

The concept of Semantics, introduced by Michel Bréal in 1883, arose from the observation that, next to Phonetics and Morphology, there was a science of lexical meaning. However, after this discovery, there were difficulties in the systematization of the lexicon, that is, attempts to structure it in the context of linguistic studies were generally incomplete and inconsistent because of their temporary nature. Since the lexicon is in constant motion its delimitation and systematization is difficult. On the other hand, despite this transience and consequent difficulty of organization, it was assumed that the lexicon is the linguistic aspect that most reflects the socioeconomic and cultural changes of a people. Besides the recognition of its communicative potential, semantic studies, which were initially focused on individual words also note that colloquial language is comprised of idiomatic expressions (IEs), which are linguistic constructions of popular origin that crystallize in everyday language as an informal record. It is considered that IEs are lexical units consisted essentially of metaphor (although other figures of speech may be part of its constitution), which is to be confirmed in this study.

Key words: Idiomatic expressions; Metaphor; Semantics.

1 Introdução

Em 1883, Michel Bréal introduziu um novo conceito no âmbito dos estudos lingüísticos: o de Semântica, como expõe Ullmann (1973, p.3). Em um artigo publicado, o filólogo francês atentava para o fato de que, ao lado da Fonética e da Morfologia, as quais estudavam os elementos formais da língua, havia uma ciência do significado.

Inicialmente, a Semântica era uma disciplina essencialmente histórica, cujos propósitos eram classificar as mudanças de significado com base em critérios psicológicos, lógicos e sociológicos, bem como elucidar as leis que regiam tais mudanças. Porém, na primeira metade do século XIX, com a publicação dos postulados de Ferdinand de Saussure e sob a influência do Estruturalismo, esta nova ciência enveredou por outros caminhos, concomitante aos novos conceitos de linguagem e língua vigentes. A primeira, até então concebida do ponto de vista histórico, passou a ser entendida em suas dimensões diacrônica e sincrônica, e a segunda, a língua, como um sistema organizado, cujos elementos se interdependem.

Estas novas concepções foram produtivas ao serem aplicadas à Fonética, à Morfologia e, em menor grau, à Sintaxe, posto que os componentes fonéticos, morfológicos e gramaticais são passíveis de serem organizados, visto que existem em número limitado. Porém, no que concerne à Semântica e ao seu objeto, o léxico, Ullmann (1973, p.6) explica que tais postulações não tiveram tanto êxito, uma vez que o vocabulário agrupa um conjunto de unidades lexicais em constante movimento, ou seja, palavras novas são criadas, outras já existentes recebem novos significados, assim como podem ser extintas. Por este motivo, pode-se dizer que as tentativas de estruturação do vocabulário foram incompletas e inconsistentes devido à própria natureza do objeto a ser sistematizado.

Nesta linha, Ortíz Alvarez (2000, p.2) explica que, ainda que o léxico tenha ficado, por algum tempo, à margem nos estudos lingüísticos, em determinado momento começou-se a perceber que ele é o aspecto lingüístico que mais reflete as mudanças socioeconômicas e culturais de um povo, bem como aquele que supre as necessidades de intercâmbio comunicativo e lingüístico. A partir desta nova concepção acerca dele, como explicita Ortíz Alvarez (2000, p.2):

Todo parece indicar que o léxico é a encruzilhada, o ponto onde se interpretam aspectos muito diversos e se cruzam metodologias e disciplinas distintas, cujos objetivos podem divergir, mas que coincidem em não poder passar por alto a unidade lexical com seu potencial comunicativo, combinatório e sintagmático e por sua integração múltipla, sistêmica e paradigmática (ORTÍZ ÁLVAREZ, 2000, p.2).

Além do reconhecimento do seu potencial comunicativo, os estudos lexicais (que inicialmente dedicavam-se às palavras isoladas) passaram a observar que a linguagem coloquial é composta de expressões idiomáticas (EIs)- criações lingüísticas de origem popular que se cristalizam na linguagem cotidiana como um registro informal. Definimos EI como uma unidade lexical, no âmbito da linguagem figurada, complexa, pluriverbal, indecomponível em seu significado, construída e constituída pela metáfora.

Para Ortíz Álvarez (2000, p.126), as EIs

[...] refletem, especialmente, por sua natureza metafórica, a história, a cultura e a forma de pensar de determinada comunidade,

elas constituem a síntese dos valores espirituais, dos costumes e da idiossincrasia de um povo (ORTÍZ ÁLVAREZ, 2000, p.126).

Compartilhamos das postulações da autora citada acima, para quem a função das EIs é tornar um conceito mais expressivo e postulamos que tal expressividade deva-se à sua constituição essencialmente metafórica (ainda que outras figuras de linguagem possam atuar em sua composição), o que pretendemos confirmar neste estudo, nas linhas que seguem.

2 As palavras e a significação

De acordo com Lapa (1998, p.1), as palavras desempenham funções diversas no discurso, as quais variam segundo seu grau de importância. Elas podem ser meros instrumentos gramaticais encarregados de ligar conceitos, como o são os artigos, as preposições e as conjunções; neste caso, são chamadas, conforme expõe Martins (1989, p.72) de *palavras vazias* ou *palavras gramaticais*, visto que são apreendidas somente quando inseridas em um contexto linguístico determinado. Por outro lado, elas podem ser fundamentais quando carregam o sentido da frase na qual são empregadas; neste caso, são “[...] as principais portadoras da ideia ou do sentimento, traduzem a realidade com mais viveza, despertam enfim imagens mais fortes” (LAPA, 1998, p.1). Estas são denominadas *palavras lexicais*, *palavras reais* ou *palavras plenas*, segundo Martins (1989, p. 78), e são representadas pelos substantivos (porque designam o agente da ação realizada) e pelos verbos (por exprimirem a ação).

As palavras reais são mais expressivas e são apreendidas pelos indivíduos com base em suas experiências pessoais, motivo pelo qual podem evocar naqueles que as ouvem imagens diferentes; neste sentido, vão haver algumas que serão mais evocadoras do que outras, visto que “[...] em volta de cada palavra ou, para melhor dizer, de certas palavras, se estabelece uma atmosfera fantasiosa e sentimental que constitui o seu valor expressivo”(LAPA, 1998, p.4).

Sabe-se que, em geral, uma imagem alude a um objeto material, no entanto, muitas vezes ocorre que a determinado objeto são atribuídas representações que pouco se relacionam com ele ou dizem algo a seu respeito. A este fenômeno, Lapa (1998, p.8) denomina linguagem figurada e explica que é por meio dela que as imagens apagadas, enfraquecidas daquilo que representam são reavivadas, despertando fantasia.

Pode-se dizer, portanto, que toda palavra possui um sentido mais geral, que é sua significação primitiva- seu sentido etimológico-, e adquire outros secundários que podem diferir do primitivo, isso porque a maioria delas possui um caráter polissêmico, como coloca Welker (2004, p.28). Segundo ele, as várias acepções que ela pode assumir partem de um significado primeiro, em geral mais concreto, e são formuladas por meio da metáfora, da metonímia, entre outras formas.

As Els são um conteúdo lexical que exemplifica essa ampliação de sentidos, uma vez que sua composição advém do sentido primitivo dos vocábulos que as compõem. Este processo, que permite o enquadramento destas unidades lexicais no âmbito da linguagem figurada, se dá pela ação da metáfora, a qual é responsável por conferir-lhes conotatividade.

A metáfora constrói-se com base em semelhanças mentais entre o sentido original de uma palavra e o sentido novo adquirido, decorrente do primeiro. Algumas visões acerca dela, bem como definições e funções por ela exercidas serão explicitadas no tópico que segue.

3 A ação da metáfora na linguagem figurada

A metáfora é a fonte mais rica de onde emana o sentido figurado, bem como o elemento constitutivo dos sentidos construídos e desconstruídos nas atividades linguísticas do cotidiano. Sua existência decorre do poder criador da linguagem, que se recria, continuamente, com base em elementos linguísticos anteriores.

O ato criador, em qualquer que seja o campo de atividade, é o resultado da capacidade de compreender e, posteriormente, relacionar, ordenar, configurar e, por fim, significar, como explica Ostrower (1987, p.9); no processo de criação, novas coerências são reconhecidas em termos novos, por meio da intuição e regidas por um nexos, muitas vezes estabelecido subjetivamente: “[...] ao relacionarmos os fenômenos nós os ligamos entre si e os vinculamos a nós mesmos” (OSTROWER, 1987, p.9).

A metáfora é inerente à atividade linguística, pois é constitutiva dos sentidos que são construídos no dia a dia. Ela materializa-se, como explicam Lama e Abreu (2001, p.54), em uma infinidade de expressões de que se utilizam os falantes de determinada língua para exteriorizarem suas experiências e sentimentos. “A criação das metáforas, unida ao processo de lexicalização, é um meio importante de enriquecimento do vocabulário de uma língua” (LAMA; ABREU, 2001, p.63).

Para Ullmann (1964, p.442), ela é composta, basicamente, por dois termos: o conceito do qual se fala e aquilo com o qual ele é comparado, de modo que, quanto maior for a diferença entre tais termos, mais expressiva ela será; Cherubim (1989, p.44) também a vê como uma figura de linguagem por meio da qual a significação natural de uma palavra é substituída por outra, por haver certa semelhança entre elas, traços mínimos de significação comuns.

Ullmann (1964, p.443) aponta como algumas de suas funções: a) ser um elemento motivador; b) um artifício expressivo; c) um meio de fuga para as emoções; d) um recurso para o preenchimento das lacunas existentes no vocabulário; e) e uma fonte de sinonímia e polissemia..

Lama e Abreu (2001, p.56) acrescentam a tais atribuições a de concretizar um conceito relativamente abstrato, nomear uma realidade que ainda não possui um termo apropriado e permitir que se diga o que não se pode/deve dizer literalmente. Ricoeur (2000, p.303) atribui-lhe o poder de romper uma caracterização feita anteriormente, com vistas ao estabelecimento de novas fronteiras lógicas com aquilo que foi rompido.

É condição necessária para a sua compreensão que os usuários de determinada língua possuam um conhecimento de mundo, ainda que parcial, em comum, como explicam Lama e Abreu (2001, p.56): “esse conhecimento de mundo é visto como uma espécie de dicionário enciclopédico do mundo e da cultura, arquivado na memória [...]”.

Sob outro ponto de vista, Ortíz Alvarez (2000, p.158) mostra que a metáfora atua na linha divisória entre o significado literal e o figurativo, de modo que o sentido metafórico está no nível da enunciação, ou seja, realiza-se em determinado contexto, por falantes específicos, com objetivos específicos e regido por associações, às quais Ostrower (1987, p.20) chama de “correspondências, conjecturas evocadas à base de semelhanças, ressonâncias íntimas em cada um de nós, com experiências anteriores e com todo um sentimento de vida”.

Para Davidson (1992, p.35), a metáfora constitui-se em um trabalho de sonho da linguagem e resulta em um sucesso artístico; sua interpretação exige o esforço criativo que, em nada, pode ser auxiliado por regras, visto que sua construção e interpretação são inventivas; ele acrescenta que o emprego imaginativo das palavras por meio da metáfora depende inteiramente dos seus significados comuns, ou seja, “a ideia, então, é que, na metáfora, certas palavras assumem significados novos, ou frequentemente, chamados ‘ampliados’” (DAVIDSON, 1992, p.38), em virtude da similaridade existente entre ambas. Assim, a metáfora é, para o autor,

[...] uma forma de comunicação paralela à comunicação ordinária; ela transmite verdades e falsidades a respeito do mundo, do mesmo modo que a linguagem mais simples o faz, embora a mensagem possa ser considerada mais exótica, profunda ou engenhosamente vestida. (DAVIDSON, 1992, p.36).

Booth (1992, p.57) enumera algumas características mediante as quais ela pode ser reconhecida: a) ela está presente em um ato de comunicação proposital; b) sua compreensão depende do contexto no qual foi inserida; c) ela é parafraseável não necessariamente a um sentido literal dela decorrente, mas a uma maneira menos inusitada de comunicar uma ideia; d) seu conteúdo transmite muita mais do que é dito na literalidade.

A metáfora caracteriza-se, de acordo com Ricoeur (1992, p.146), como uma inovação semântica, segundo a qual ocorre a transição de uma incongruência literal para uma congruência metafórica dentro de um espaço lógico; assim, termos aparentemente distantes e conceitos heterogêneos aproximam-se semanticamente. Nas palavras de Ricoeur (1992, p.154),

o sentido de uma nova metáfora, nós dissemos, é o aparecimento de uma nova congruência ou pertinência semântica a partir das ruínas do sentido literal compartilhado por incompatibilidade ou absurdez semântica (RICOEUR, 1992, p.154).

Ricoeur (1992, p.156) destaca a imaginação como componente genuíno da metáfora, uma vez que são produzidos novos tipos de assimilação a partir das diferenças. A dimensão pictórica da imaginação auxilia no sentido de que, quando se formam imagens, similaridades conseguem ser apreendidas. Por outro lado, Ullmann (1973, p.211) ressalta que, para que tais imagens formem uma expressão verdadeiramente metafórica:

1. elas devem ser concretas para constituírem uma imagem real, ou seja, não podem ser comparados dois fenômenos abstratos;
2. devem produzir assombro, já que comparam duas experiências sem nenhum traço comum aparente;
3. e devem proporcionar a impressão de uma visão dupla dos elementos relacionados, por meio de uma analogia entre objetos o mais divergentes possíveis.

Castro (1978, p.35), ao estudar as metáforas machadianas, agrupa-as pelo tipo de semelhança percebida entre o conceito do qual se fala (que ele chama de teor), e aquilo com o qual ele é comparado (chamado por ele de veículo); nesta perspectiva, a similitude pode ocorrer de três maneiras: na forma de ambos (teor e veículo), na sua função e na situação em que ocorrem. A similaridade pela forma é a razão de uma infinidade de metáforas da língua corrente; ela se dá, pois o formato de determinado objeto lembra o de outro com o qual se estabelece a semelhança. Na semelhança por função, a associação estabelece-se entre dois termos que têm finalidades afins; a semelhança entre situações, por sua vez, pode, também, originá-las quando o contexto, a situação de uso de ambos os elementos assemelha-se.

O autor também apresenta sete maneiras pelas quais a metáfora é formulada. 1. Uma expressão metafórica pode ser composta por dois elementos ligados pela preposição *de*, o que resulta, de acordo com Castro (1978, p.44), em uma construção com o verbo de ligação e o predicativo, como se observa em “fogo do amor”, a qual é resultante de “amor é fogo”; 2. Outro grupo citado pelo autor compõe-se das metáforas verbais, nas quais o verbo pode ser metafórico para o sujeito, para o complemento ou para ambos (ex. os minutos trabalham); 3. Ao terceiro grupo, por sua vez, pertencem as metáforas adjetivas, segundo as quais o adjetivo metaforiza-se por emprestar ao substantivo um sentido que não lhe é próprio, como quando se diz “olhar legislativo”, por exemplo; 4. Outro grupo consiste nas metáforas presentes em aposto, as quais podem ser exemplificadas, de acordo com Castro (1978, p.60) em “o tempo, esse químico invisível, que dissolve...”. 5. Também há uma formulação metafórica que se faz com o verbo de ligação ser; este une o sujeito a um termo de natureza predicativa. Com respeito a este grupo, “o predicativo é sempre o termo de valor figurado, o comparante, aquele que empresta seu sentido ao sujeito” (CASTRO, 1978, p.64). Quando se diz que uma mulher é uma flor, por exemplo, tem-se a formulação de uma metáfora com o verbo ser; 6. A outro grupo, pertencem as metáforas iniciadas por demonstrativo com função anafórica, como se pode observar em um trecho de uma das obras de Machado de Assis citado por Castro (1978, p.66), no qual os afetos são metaforicamente apresentados como “essa moeda do coração”; 7. Por fim, existem também as metáforas de um só termo, que são aquelas em que o termo B só pode ser compreendido a partir de observações anteriores, quer dizer, estabelece-se um enigma que pode ser descoberto observando-se o contexto e os demais elementos da frase.

As metáforas possuem três funções, de acordo com Castro (1978, p.83): a de dissimular as impressões, a de potencializá-las e a de unificá-las. A função dissimuladora

serve para o propósito de encobrir impressões e sentimentos que se busca ocultar. Como potencializadora das impressões, ela visa a enfatizá-las para mostrar melhor e mais claramente o pensamento. A metáfora também unifica, quer dizer, “[...] busca apresentar os distintos dados da realidade numa unidade mais profunda, fundindo-os numa só expressão” (CASTRO, 1978, p.92), como o fizeram os simbolistas e os românticos.

Apresentados alguns conceitos acerca da metáfora, funções por ela desempenhadas e classificação, passar-se-á à explicitação da forma como ela age na constituição do sentido figurado das EIs. Para exemplificar, tomamos como exemplos “cortar as asinhas de alguém”, “não dar o braço a torcer”, “perder a cabeça” e “pôr a mão na massa”, as quais pertencem ao *corpus* analisado em dissertação de Mestrado, concluído em 2008. Exploramos, na análise, as relações simbólicas e analógicas que permeiam as palavras que compõem o pequeno *corpus* analisado.

Levando-se em consideração que tudo é significativo, ou seja, que as palavras e as ideias estão sempre relacionando-se, quer de maneira objetiva, quer subjetivamente, acreditamos ser, o símbolo, um meio pelo qual se consegue apreender tais relações, inclusive a relação metafórica que subjaz a formação das expressões idiomáticas.

Consideramos a analogia um outro recurso que permite compreender esta relação; isto porque as pessoas utilizam-na para supor aquilo que desconhecem, para criar, bem como para fazer arranjos, os quais são conduzidos por uma lógica popular.

4 As expressões idiomáticas e sua constituição metafórica

4.1. Cortar as asinhas de alguém

Ferreira (1986, p.179), em seu dicionário, atribui várias definições ao substantivo asa, dentre as quais interessa: 1. membro emplumado das aves, órgão principal do voo (no caso dos pássaros) e do nado (no caso dos pinguins); 2. parte da superfície do avião que produz a sustentação aerodinâmica; 3. os ombros ou o braços. Também aparece no dicionário “aparar as asas de”, expressão que condensa a mesma ideia expressa pela EI em análise. Assim, cortar as asas de alguém significa, de acordo com (FERREIRA, 1986, p.180), “restringir as manifestações de independência ou de intimidade com alguém”.

Consultada a simbologia da palavra asa, Chevalier (2001, p.90) atribui-lhe ser símbolo de leveza espiritual, de liberação e do alçar voo, ao passo que, para Lurker (2003, p.55), ela simboliza a ausência da gravidade e da superação do terreno. Já Azevedo (1983,

p.402) associa-a, por analogia, à proibição, inibição, interdição, noções que resumem a ideia condensada na EI.

Tem-se, portanto, em sua formação, uma base metafórica, pois o emprego da palavra asa tem como base seu significado comum, que é ser o membro emplumado das aves, e nasceu da observação intuitiva de semelhanças entre a ave e o homem; tal semelhança fixa-se graças à dimensão pictórica que é evocada para a apreensão do sentido conotativo.

De acordo com a classificação das metáforas, proposta por Ullmann (1964, p.442), a EI “cortar as asinhas de alguém” pode ser classificada como uma metáfora animal, em que a esfera humana é comparada à animal. Segundo a classificação proposta por Castro (1978, p.35), o teor e o veículo são associados pela função que desempenham, ou seja, as asas têm como função conceder liberdade às aves e, no caso da EI em análise, cortá-la.

Em “cortar as asinhas de alguém”, tem-se, uma expressão idiomática, aparentemente, sem nexos semânticos, uma combinação inusitada de palavras, as quais, por sofrerem mutação, sacrificam seu sentido primário em benefício do conjunto para aludir à cerceação da liberdade. Tem-se, portanto, uma anomalia semântica, de acordo com a classificação de Ortíz Alvarez (2000, p.119), devido à ilogicidade que supõe cortar as asas de uma pessoa, visto que esta não as possui.

Dentre as características propostas por Ortíz Alvarez (2000, p.141), a estabilidade considera que todas as EIs são estáveis em sua estrutura de forma rígida; no entanto, para Ortíz Alvarez (2000, p.141), tal estabilidade é relativa, visto que algumas admitem a inserção de outros elementos, sem que seu significado seja comprometido, como acredita-se ser o caso da EI em análise, visto que pode-se dizer, por exemplo, cortar estas asas ou cortar as tuas asas, entre outras maneiras.

4.2. Não dar o braço a torcer

Na constituição do sentido figurado da EI “não dar o braço a torcer”, observamos que seus vocábulos sacrificam seu significado individual em benefício do sentido do grupo frasal, para darem a ideia de não se assumir vencido, derrotado. Esta alteração semântica ocorre graças ao fenômeno da metaforicidade, visto que é propriedade da metáfora, como explica Ostrower (1987, p.9), estabelecer novas conexões, ainda que subjetivas, entre objetos e ideias, como podemos observar, na presente EI, entre o braço e o ato de não se confessar vencido, estar irredutível.

Acreditamos que esta nova relação pode ter sido construído a partir da simbologia do vocábulo braço, bem como das relações analógicas que o permeiam. Em seu dicionário de símbolos, Chevalier (2001, p.140) explica que o braço é símbolo da força, do poder, do socorro concedido e da justiça. Sob a perspectiva da analogia, Azevedo (1983, p.66), em seu dicionário analógico, associa-o ao poder, à potência, ao domínio, ao controle, à hegemonia e à onipotência, de modo que, quem não dá o braço a torcer nega-se a deixar a posição de poderoso, infalível, onipotente, dominador, ou seja, recusa mostrar-se derrotado, vencido.

Observamos, portanto, que o emprego imaginativo do vocábulo braço está relacionado ao seu significado comum, primário. Como coloca Davidson (1992, p.38), o sentido do vocábulo foi ampliado a partir da sua significação primitiva. Corrobora esta ideia, o fato de que “não dar o braço a torcer” pode ser parafraseável a uma maneira menos atrativa e inusitada de transmitir a mensagem, o que é, para Booth (1992, p.57) uma das maneiras pelas quais se pode reconhecer que determinada estrutura é metafórica.

4.3. Perder a cabeça

Com relação à EI “perder a cabeça”, Ferreira (1986, p.299) conceitua o substantivo cabeça como “a parte superior do corpo dos animais bípedes e a anterior dos outros animais, onde se situam normalmente o encéfalo e os órgãos os sentidos da visão, audição, olfação e gustação”. Ela também é sinônimo de juízo, tino, prudência, inteligência, raciocínio e imaginação, posturas essas que desaparecem quando se perde a cabeça.

Do ponto de vista simbólico, “a cabeça geralmente simboliza o ardor do princípio ativo. Abrange a autoridade de governar, ordenar, instruir” (CHEVALIER, 2001, p.151). Ela é o verdadeiro regente do homem: “órgão principal, é portador da consciência, do ego. A deusa da sabedoria, Atena, surgiu da cabeça de Zeus. A cabeça irradia a essência da pessoa” (LURKER, 2003, p.105). Por analogia, Azevedo (1983, p.205) associa-a às ideias de intelecto, bom senso, razão, racionalidade, entendimento, de modo que, aquele que perde a cabeça, age contrariamente a tais aspectos.

Na EI, o teor (a cabeça) e o veículo (a ideia de descontrole), assemelham-se de maneira subjetiva, de modo que faz-se necessário que a EI seja considerada no nível da enunciação, como postula Ortíz Alvarez (2000, p.158). Neste sentido, deve haver o que Davidson (1992, p.35) chama de desvio compacto entre os interlocutores, segundo o qual

a eficácia da comunicação ocorre na medida em que o falante e o ouvinte percebem e compreendem a mensagem ao mesmo tempo. Caso não haja esta compreensão mútua, corre-se o risco de uma interpretação errônea da EI, uma vez que ela também existe no nível da denotação, em sentido literal (quando se diz, por exemplo, que uma criança perdeu a cabeça da boneca).

Ocorre, portanto, uma ampliação do sentido do vocábulo cabeça a partir de sua significação literal. Somam-se a estes aspectos a dimensão pictórica da metáfora proposta por Ricoeur (1992, p.156). Segundo as funções que a metáfora pode desempenhar apontadas por Castro (1978, p.83), podemos dizer que aqui ela é potencializadora do sentido da EI “perder a cabeça”, visto que o que se busca é enfatizar a ideia da ausência de juízo, tornando-a mais expressiva.

4.4. Pôr a mão na massa

No que concerne à EI “pôr a mão na massa”, ressalta-se, inicialmente, que ela é uma unidade fraseológica composta por elementos que possuem uma congruência lógica, se considerados em seu sentido literal, visto que alguém que está cozinhando põe a mão na massa ao fazê-lo; este aspecto mostra a importância da situação de enunciação, do contexto, apontados por Ortíz Alvarez (2000, p.158) como os responsáveis por indicar se a EI encontra-se no nível da conotação ou no da denotação.

A constituição metafórica da EI pode ser observada a partir da existência intuitiva de semelhanças entre o ato de pôr a mão na massa e o de dispor-se a realizar uma tarefa. A função desempenhada pela metáfora, de acordo com as funções enumeradas por Ullmann (1964, p.443), é a de funcionar como um artifício expressivo, uma alternativa mais expressiva para a ideia de dispor-se a realizar determinada atividade.

De acordo com a classificação de Castro (1978, p.35), os elementos assemelham-se pela situação em que ocorrem, a de dispor-se a executar uma atividade. Sua formulação, ainda conforme o autor, dá-se por meio de uma metáfora verbal, segundo a qual o verbo (pôr) se metaforiza para o complemento (a mão na massa).

5 Considerações finais

Objetivamos comprovar, por meio das considerações apresentadas e das análises realizadas, a natureza metafórica das expressões idiomáticas, as quais podem ser

definidas como unidades lexicais complexas, compostas por, no mínimo, dois elementos, os quais perdem sua função nominativa ou primária e adquirem, em conjunto com outros, um novo significado; ou seja, na composição das EIs, as palavras que as formam perdem sua individualidade em benefício do bloco frasal.

Ressaltamos que não só as EIs, mas as gírias e outras formas de manifestações da linguagem popular são coloridas pela metáfora, o que demonstra a sua importância na formação da linguagem comum. Assim, ao contrário do que, por muito tempo, pensou-se, a metáfora não é exclusiva da linguagem literária, mas ocorre nos discursos do cotidiano, em estruturas de base figurativa; sua função é, portanto, chamar a atenção para analogias e similaridades comumente desconsideradas pelo uso intelectual da linguagem.

Pretendemos, no presente estudo, comprovar a hipótese de que as EIs são, de um modo geral, motivadas em sua constituição pela metáfora (ainda que outras figuras de linguagem possam atuar junto a elas). Este trabalho justifica-se, uma vez que estudos anteriores realizados nos mostraram que tal hipótese já é aceita por grande parte dos fraseólogos e estudiosos do tema; apesar disto, nenhum deles procurou compreender mais a fundo os mecanismos pelos quais a metáfora induz a que as EIs adquiram determinado sentido pela união de palavras, aparentemente, sem qualquer nexos semântico.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, F. F. S. *Dicionário analógico da língua portuguesa: idéias afins*. Brasília: Coordenada/Thesaurus, 1983.
- BOOTH, W. C. A metáfora como retórica: o problema da avaliação. In: SACKS, S. *Da metáfora*. São Paulo: EDUC/ Pontes, 1992. p.53-77.
- CASTRO, W. *Metáforas machadianas: estruturas e funções*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- CHERUBIM, S. *Dicionário de figuras de linguagem*. São Paulo: Pioneira, 1989.
- CHEVALIER, J. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 16.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- DAVIDSON, D. O que as metáforas significam. In: SACKS, S. *Da metáfora*. São Paulo: EDUC/ Pontes, 1992. p.35-53.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1986.
- LAMA, E. C.; ABREU, A. S. *A motivação metafórica das expressões idiomáticas na*

- interface entre o português e o espanhol*. In: ANUARIO BRASILEÑO DE ESTUDIOS HISPÁNICOS, 11, 2001, p.53-66.
- LAPA, M. R. *Estilística da língua portuguesa*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LURKER, M. *Dicionário de simbologia*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARTINS, N. S. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.
- ORTÍZ ALVAREZ, M. L. *Expressões Idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. 2000. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada na área de ensino/aprendizagem de segunda língua e língua estrangeira) - Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.
- OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*, 18.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- RICOEUR, P. O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento. In: SACKS, S. *Da metáfora*. São Paulo: EDUC/ Pontes, 1992. p.145-161.
- _____. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000.
- ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 3.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.
- _____. *Lenguaje y estilo*. Madrid: Aguilar, 1973.
- WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.